



O LAGO PARANÓ RESISTIU AOS MAUS AGUROS: ALGUNS DIZIAM QUE NUNCA ENCHERIA E OUTROS SUSTENTAVAM QUE NÃO CHOVERIA O SUFICIENTE PARA MANTER VIVO O ESPELHO D'ÁGUA

E Brasília? Vejamos o que diz Lucas Lopes.
— “Uma análise minuciosa das diversas partes do Relatório da Comissão Exploradora deixa-nos, hoje, a impressão de que as decantadas maravilhas da região eram ilusórias, e que os seus característicos de riquezas naturais, são os mesmos das pobres savanas tropicais do Brasil Central.”

Uma fotografia do vértice S.E. do Distrito Federal demarcado, que a Comissão inclui em seu Relatório, transmite-nos a impressão desoladora dos carrascais infensos de nosso sertão, com horizontes limpos e abertos, em que se desenhavam as silhuetas de arbustos retorcidos e ressequidos.”

SONHO COLORIDO

Intervindo, o Sr. Elói Dutra asseverou que não existem condições existenciais em Brasília, nem existirão na época da mudança, pois o que viu na futura capital foi “um sonho colorido de Niemeyer e Lúcio Costa”, mas nem sequer o esqueleto de uma cidade imediatamente habitável.

SONHO DE NIEMEYER E JK ERA VISTO COMO UMA UTOPIA MEGALOMANIACA SEM POSSIBILIDADE DE SE CONCRETIZAR

HISTÓRIA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA NA UnB REVELA O FORTE EMBATE ENTRE FAVORÁVEIS E CONTRÁRIOS À MUDANÇA DA CAPITAL DO RIO DE JANEIRO PARA O PLANALTO CENTRAL. DEBATE SE MANIFESTOU PRINCIPALMENTE NAS OPINIÕES DE ARTISTAS, POLÍTICOS E JORNALISTAS CAPITAL SOBREVIVEU AOS APOCALÍPTICOS

ELISA TECLER

“Queiramos ou não, sentimos hoje a imperiosa necessidade de expor ao olhar dos nossos leitores a mais dramática piada do ano. (...) Ei-la a 'piada', nua e crua, tragicamente nua, dramaticamente engraçada: Dentro de três anos e meio passarei a faixa presidencial ao meu sucessor no Palácio da Alvorada, na cidade de Brasília. Pasmem, senhores. São palavras do Sr. Juscelino Kubitschek.” (publicado no jornal A Hora, São Paulo, 26 de fevereiro de 1957)

Foto: Arquivo Público do DF/Divulgação



NIEMEYER MIRA O FUTURO PALÁCIO DO PLANALTO: SONHO DESMERECEDO POR MUITOS

A “piada” de Juscelino Kubitschek se concretizou — com uma diferença: a cerimônia de posse aconteceu no Palácio do Planalto, não no Alvorada. Mesmo inacabada, Brasília foi inaugurada na data prometida pelo ex-presidente e sediou a transferência do poder para o sucessor de JK, Jânio Quadros. No entanto, até que a cidade se consolidasse como a nova capital, os defensores da mudança lidaram com críticas severas de quem via na construção de Brasília uma utopia megalomaniaca.

Em quase 50 anos de história, Brasília vingou como capital. Imagine-se um futuro presidente decidir ceder o título para um lugar desconhecido e inabitado. Qual seria a reação dos brasilienses? Possivelmente, parecida com a dos cariocas nos anos 1950, quando souberam das obras no Planalto Central: parte se encantou, mas o bloco dos oposicionistas ganhou força. A polêmica construção era assunto constante de jornais da época, que mostravam tanto as opiniões de intelectuais quanto o falatório das ruas. Por dois anos, a historiadora e professora Michelle dos Santos analisou dezenas de artigos e crônicas publicados em jornais impressos de todo o país no tempo da construção. O resultado da pesquisa é a dissertação de mestrado *A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956-1960)*, apresentada ano passado na Universidade de Brasília (UnB).

Ameaça comunista

Eram várias as teorias negativas que rondavam a construção. Alguns temiam que houvesse um complô entre JK e o governo mineiro, outros acreditavam em vingança do então presidente da república contra os cariocas, já que ele não ganhou maioria dos votos na Cidade Maravilhosa. Havia ainda quem suspeitasse de um colapso econômico ou a tomada de poder por comunistas após a inauguração da capital. “Os discursos antimudancistas são hoje considerados tolos, equivocados e descabidos. Mas naquela época faziam muito sentido”, ressalta Michelle.

Em um período da história em que a área de Brasília era vista por

alguns como longínqua, selvagem, desprovida de estradas ou qualquer comunicação com o mundo, não é difícil entender por que muita gente temeu em trocar o conforto de casa por um ambiente desconhecido. Notícias e artigos veiculados nos jornais reforçavam a ideia. Pouco mais de um mês antes da inauguração, em março de 1960, os periódicos divulgaram um ataque de índios na cidade. Um lavrador de 33 anos disse ter sido encurralado na companhia de 30 trabalhadores e levado flechadas na orelha, braço e nuca. Entre as notícias curiosas, havia também um ciclista que afirmava ter sido derrubado da bicicleta em duas ocasiões pelo vento do Planalto Central e um homem que teria matado um lobo a pauladas.

Mudança dos poderes

A vinda dos Três Poderes para Brasília até a data de inauguração parecia inviável para alguns escritores no período de construção. Temia-se uma confusão administrativa no governo e até a falta de condições básicas de vida para as famílias dos deputados, senadores e ministros que seriam transferidos. Em 1958, senadores assustados com a situação da obra chegaram a propor que o tempo fixado para a mudança fosse prorrogado em 10 anos.

Mesmo no fim dos anos 1960, os ministros ainda passavam boa parte do tempo trabalhando no Rio de Janeiro. O primeiro a se mudar para



JUSCELINO CUMPRE A POLÊMICA PROMESSA E INAUGURA BRASÍLIA EM 21 DE ABRIL DE 1960

Antigamente era “negócio da China”; hoje se diz “negócio de Brasília”
META NÚMERO UM (BRASÍLIA) JÁ ESTÁ QUASE PARALISADA: FALTA DINHEIRO PARA AS OBRAS
TRÊS COISAS ESTÃO PRONTAS:
1. O PALÁCIO (DO PRESIDENTE)
2. O HOTEL (DOS TURISTAS)
3. O CHACHOEIRA (QUE DEUS FEZ).
*Paródia de Adolfo Benito

IRONIA FREQUENTAVA O NOTICIÁRIO. DESCRENÇA ERA A TÔNICA DOS “ANTIMUDANCISTAS”

Brasília foi Jarbas Passarinho, na época ministro do Trabalho e Previdência Social. Quando assumiu o cargo, em 1967, dividia-se entre o Rio de Janeiro e a nova capital. As sextas-feiras, pegava um avião para Brasília e ficava até segunda-feira, dia de despachar com o presidente. O resto da semana, passava em território fluminense. Antes de transferir os funcionários do órgão, o ministro entrou em acordo com a Caixa Econômica para a construção de 500 casas. “Então abri um voluntariado para a vinda. Com isso, trouxemos o ministério pela metade. No governo Médici, prosseguimos com a transferência. Aí trouxe o ministério da Educação todo”, recordou Passarinho.

O ministro lembra que na época houve interesse dos funcionários em vir e ele preencheu todas as 500 vagas oferecidas. “A preocupação era saber se realmente teria condições de viver em pouco tempo ou não. Jusceli-

no fez o principal, que foi construir. Depois, tinha que fazer funcionar. Brasília era modernidade. E todos tinhamos uma esperança muito grande em relação a isso”, comentou. Passarinho ressalta que houve certa resistência por parte das embaixadas para fazer a mudança — após recomendação do presidente Médici elas deixaram o Rio de Janeiro. “Aqui se desenvolveram os tribunais superiores, e com isso é que nós puxamos boa parte da presidência. No começo, houve uma onda grande de boataria de que Brasília não iria sobreviver como capital. Que Jango queria transformá-la em uma grande universidade brasileira e voltar a capital para o Rio”, afirmou.

*OS TEXTOS ANTIGOS REPRODUZIDOS NESTA MATÉRIA FORAM RETIRADOS DA PESQUISA DE MICHELLE DOS SANTOS E DE COLETÂNEA DO SECRETÁRIO DE CULTURA, SILVESTRE GORGULHO. A MAIORIA ESTÁ NO ARQUIVO PÚBLICO DO DF.

LAGO ERA MOTIVO DE CHACOTAS

“Será que providências melhores foram tomadas quanto ao lago artificial de Brasília? Parece que não. Noticiário muito seguro afirma mesmo que não. E que o lago de Brasília não será um lar de peixes, mas um viveiro de mosquitos. (...) No lago de Brasília afundar-se-ão muitas esperanças, tão impuras quanto certos negócios de Brasília”. *Correio da Manhã*, 29 de outubro de 1959.

As previsões sobre o espelho d'água eram das mais pessimistas. Textos publicados no fim da década de 50 garantiam que o Lago Paranoá nunca encheria. As teorias eram variadas: toda a água seria absorvida pela terra ou nunca choveria o suficiente para manter o reservatório cheio. No artigo do *Correio da Manhã* citado acima, o autor alega que os peixes exigem água e margens limpas, por isso não teriam chance no Paranoá. O resultado se refletiria até nas refeições do brasiliense. “A gente que o sr. Juscelino Kubitschek obrigará a residir em Brasília terá de abster-se de deliciosa comida aquática, contentando-se com a carne de terceira que a Copaf lhes requisitará manu militari”, afirma o texto.

Contrariando as expectativas da opo-

O lago dos mosquitos

Dizem que Brasília sempre será um encanto para os peixes. Outros afirmam que não: numa cidade construída conforme as regras do mais rigoroso funcionalismo, tudo terá finalidade objetiva e, inclusive, utilidade econômica. Até os jardins japoneses em torno do Palácio da Alvorada forneceriam repolho e cebolas. E o lago artificial, grande como a Guanabara, espelho da arquitetura aquática, estaria cheio de peixes, de alto valor nutritivo, servindo de estímulo para a criação desses bichos tão típicos em todos os lagos e rios do interior do Brasil.

Acontece, porém, que o peixe é bicho que faz questão da limpeza do seu ambiente: do próprio lago e das margens dele. Sendo, portanto, o que lá acontece na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde os peixes morreram em milhares por falta de limpeza da parte da Prefeitura. Será que providências melhores foram tomadas quanto ao lago artificial de Brasília? Parece que não. Noticiário muito seguro afirma mesmo que não. E que o lago de Brasília não será um lar de peixes, mas um viveiro de mosquitos.

E a vingança dos fatos contra os projetos.

A gente que o sr. Juscelino Kubitschek obrigará a residir em Brasília, terá de abster-se de deliciosa comida aquática, contentando-se com a carne de terceira que a Copaf lhes requisitará manu militari. Em compensação, os neo-brasilienses serão mordidos por uma legião de mosquitos, até darem o sangue para a pátria e sua nova Capital. E' bom assim. O lago acabará com a mossa azul do sr. Juscelino Kubitschek para 1960. No lago de Brasília afundar-se-ão muitas esperanças, tão impuras quanto certos negócios de Brasília.

LEGIÃO DE INSETOS “MORDERIA” POPULAÇÃO

sição, o Lago Paranoá encheu. E JK fez questão de contar a novidade aos críticos. Em telegrama a Gustavo Corção, escritor que não acreditava no sucesso do lago, dizia apenas: “Encheu, viu?”. De lá para cá, o reservatório manteve o nível de água dentro dos limites estabelecidos.

Os versos do samba *Não vou pra Brasília*, gravado pelo grupo Os Cariocas, tiveram inspiração na polêmica construção da capital. Em 1957, a obra de Brasília estava apenas começando, mas já incomodava o músico e compositor Billy Blanco, autor da canção, hoje com 85 anos. “Eu era funcionário público, engenheiro dos Correios. Ia ser transferido para Brasília, isso me doeu. Aí fiz a música”, lembrou. Assim como outros empregados de órgãos públicos sediados no Rio de Janeiro na época, Billy não gostou da notícia de que teria que se mudar de mala e cuia para a futura capital, levando esposa e filho. “O noticiário contava o que estava sendo feito, o encaminhamento da obra, como a coisa toda estava. Parecia que não ia dar tempo de ficar pronto”, comentou o músico.

No fim das contas, Billy ficou no Rio e mudou de ideia em relação a Brasília

Altura máxima de 1.000,80cm em relação ao nível do mar e mínima de 999,5cm. Além de dar graça extra à cidade, o lago possibilita a prática de esportes aquáticos e o uso de embarcações, recebe o esgoto tratado, tem fauna própria e atua na geração de energia elétrica.

Sem um lago em Brasília, a aposentada Clarice Clara de Resende, 54 anos, não saberia o que fazer para passar o tempo. A moradora do Paranoá tem lugar cativo nas pedras da margem do reservatório, na altura da barragem. Sentada ali ela aproveita o silêncio e a paisagem enquanto espera algum peixe morder a isca. Clarice não gosta de comer os bichos, mas desde menina ama pescar. “O lago é meu lugar preferido. As vezes consigo uma sombra e fico aqui o dia todo. Pego cará, carpa, tilápia, tucunaré. Dá de tudo”, disse. Em 35 anos de Brasília, o maior peixe que já pescou foi uma traíra de 62cm.

Nascida em Minas e criada no interior de Goiás, Clarice aprendeu a pescar na roça com o pai. Aos 16 anos, decidiu fugir de casa com uma amiga. O destino era São Paulo, mas o dinheiro não deu para o ônibus. “A gente só ouvia falar em Brasília, aí resolvemos vir pra cá. Ouvia dizer que era bom pra trabalhar”, lembrou. Ainda dentro do ônibus, a dupla arrumou casa e emprego — foram trabalhar cuidando da casa de uma das passageiras. Por aqui, descobriu o lago e se entregou à pesca.

O Lago Paranoá foi concebido antes mesmo do Plano Piloto. No concurso que escolheu o projeto de Lucio Costa

quando conheceu a cidade. “Eu não sabia que tinha Lucio Costa e Niemeyer no meio. Quando soube, fiquei arrependido de ter feito a música, vi que seria uma cidade linda. A minha barba cresceu completamente, quase me enforcou nela”, disse. Encantado com a capital, Billy voltou diversas vezes para shows e planeja uma nova visita em agosto. O samba *Não vou pra Brasília* até hoje entra no repertório de algumas apresentações do músico, quando é pedido pela plateia.

A ideia de construir uma cidade no meio do nada e levar milhares de pessoas para viver lá parece ter impressionado artistas e intelectuais da época. Quando apareceram os primeiros indícios de Brasília em meio ao enorme canteiro de obras, começaram a se espalhar os conceitos de que a cidade era fria, não teria nem esquinas ou pontos de encontro dos morado-

para Brasília, uma das condicionantes era de que deveria existir um lago na região. “O lago foi dado como premissa. A situação geográfica do Rio Paranoá, naquele ponto onde se fez a barragem, sinalizava que ele poderia perfeitamente ser feito”, afirmou o diretor da CEB, Fernando Fernandes. Ele lembra que, décadas antes da construção de Brasília ter início, equipes em expedição pelo Planalto Central já haviam aferido a capacidade daquela terra de servir de lago. Segundo ele, não foi preciso fazer escavações na área para criar o reservatório: o terreno era propício para um lago artificial. Os trabalhadores construíram a barragem para reter a água vinda dos afluentes e retiraram a vegetação local. O lago é abastecido por quatro braços: Torto, Riacho Fundo, Gama Cabeça de Veado e Bananal.

Atualmente, a água do Lago Paranoá produz 3% do total da energia consumida no Distrito Federal. Nos períodos de chuva, a Companhia Energética de Brasília (CEB) produz até 26 megawatts por hora — o número cai para 7 megawatts por hora durante a seca. Quando as turbinas funcionam no limite máximo, elas podem consumir 20 ou 3cm do nível do lago. Isso ajuda a manter o espelho d'água sob controle, sem riscos de transbordar. As comportas da barragem são abertas em casos de chuvas muito fortes. “Se não tivesse esse controle, poderíamos ter cheias invadindo as casas e fortes secas”, explicou o diretor da CEB Geração, Hamilton Naves.

res. Até o nome da futura capital foi motivo de polêmica. A escritora Rachel de Queiroz questionou: “Realmente, Brasília é feio, e é pedante. Mas está de acordo com tudo o mais. Que é, atualmente, neste país, que não sai feio ou pedante?”.

Uma matéria publicada em *O Jornal*, assinada por Tito Mendez, protestava: “Gente inteligente e imaginosa do governo, cadê vocês? Brasília não é nome que se dê a uma capital decente. Já pensaram na tristeza do sujeito que nascer lá: um ‘brasiliense’?”, questionava. Mendez compara o termo Brasília com nomes criados a partir da soma de outros dois. “É um derivado de Brasil, com toda a antipatia dos topônimos derivados. Faz-me lembrar certos batismos de crianças nascidas de pais incultos ou pretensões suas que as chamam de maneira estranha ou segundo a soma cretina dos próprios nomes”, diz o texto.